

...SBS, Fernando Cabrita, Denilson Vignoli (paralelo), Miguel de Almeida (paralelo), Inês A. Santos (paralelo), Vitor Hugo (paralelo), Paulo Zito (paralelo), ...  
 ...SBS, Fernando Cabrita, Denilson Vignoli (paralelo), Miguel de Almeida (paralelo), Inês A. Santos (paralelo), Vitor Hugo (paralelo), Paulo Zito (paralelo), ...  
 ...SBS, Fernando Cabrita, Denilson Vignoli (paralelo), Miguel de Almeida (paralelo), Inês A. Santos (paralelo), Vitor Hugo (paralelo), Paulo Zito (paralelo), ...

## ARTIGO

## Lula na encruzilhada

CLÁUDIO FRISCHTAK



Líderes políticos carismáticos só permanecem competitivos se capazes de responder aos anseios da sociedade. Parando acima dos partidos, dependem de um "fio terra", uma compreensão do que move o eleitor. Lula, em seu terceiro mandato, parece ter perdido essa conexão. Nos 12 anos em que esteve fora do poder, o país mudou, e Lula permaneceu o mesmo, sem a instigação para tomar o pulso da população, como um dia tomou o dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo.

Há países bem-sucedidos que não são governados por líderes carismáticos, mas por partidos que se unem em torno de um programa, e não ficam na dependência da visão particular ou das idiossincrasias de quem lidera. Aqui, Lula ainda não percebeu que a sociedade — e não apenas a classe média — está cansada de privilégios exorbitantes daqueles no poder e repela a corrupção em todas as instâncias. A Lava Jato, apesar dos seus eventuais erros, foi um marco na luta contra o desvio de recursos públicos, atingindo pela primeira vez o modus operandi de fazer política no país, a graça que move suas engrenagens, e expondo o assalto em escala a empresas públicas. A operação foi golpeada no governo Bolsonaro; está sendo enterrada agora. O que Lula tem a dizer sobre corrupção? Qual a iniciativa tomada em seu governo para reforçar as instituições de combate aos desvios de recursos públicos, desta vez também impulsionados pela falta de controle sobre as emendas parlamentares?

Se muitos na sociedade ainda sonham com um concurso público, e outros com carteira assinada, há uma classe crescente de indivíduos que almejam ser patrões de si mesmos. São empreendedores que rejeitam o paternalismo e o intervencionismo de outros tempos. Não aceitam mudar o regime do motorista de aplicativo como se assalariados fosse, e sua sindicalização como algo desejável. O Projeto de Lei enviado goela abaixo da categoria em "regime de urgência" (PL 12/2024), com erros crassos (normalizando uma remuneração mínima por hora, e não por quilômetro), só pode ser obra de quem nunca aplicativo. Por não entenderem, alienaram centenas de milhares de motoristas. Como não entenderam a importância do comércio permanecer aberto aos domingos para comerciantes e consumidores. Quantos erros mais de primeira ordem, com enorme custo político, um auxiliar precisa cometer para ser demitido?

Mas, se alguns não entendem a rejeição às suas iniciativas, outros usam de chacota para esconder seus erros. Afirmar que o gasto previdenciário — e o crescente déficit da Previdência — "se mede com felicidade",



quando na realidade é sinônimo não apenas de uma conta anual insustentável, mas de sérios problemas de gestão, deveria ter levado Lula a admoestar publicamente seu auxiliar. Afinal, qual maior o déficit — projeto em 2,5% do PIB em 2024, mais do que a soma dos investimentos públicos e privados em infraestrutura no país, que permanece abaixo de 2% do PIB —, de menos recursos o governo dispõe para responder às demandas da sociedade.

Lula está numa encruzilhada; e não lhe resta muito tempo. Necessita ouvir os críticos, muitos dos quais o apoiaram, a franja crescente da sociedade cada vez mais desiludida com o governo. Deve recusar propostas populistas, que dão respostas simples (e custosas) a problemas

complexos, quando não os agravam — a exemplo da recente MP 1.212 do setor elétrico. Deve resistir às vezes que propõem aumentar sem critério e sem avaliação os gastos públicos, fragilizando ainda mais o novo arcabouço fiscal e pressionando juros e inflação. E deve ter a coragem de defender os auxiliares que tentam manter os alicerces programáticos do governo no âmbito econômico, social e ambiental e de descartar aqueles que não têm o que mostrar ou agem em proveito próprio. A sociedade aguarda um freio de arrumação.

Cláudio Frischtkan é economista

N. da R.: Elio Gaspari volta a escrever 5 de junho

## BERNARDO MELLO FRANCO



opinião@brasil.com.br  
 @bernardomellofranco  
 bernardomellofranco.com.br

## Politizar é preciso

Não é hora de procurar culpados. Não se deve politizar a tragédia. Os chavões se repetem desde o início das enchentes no Rio Grande do Sul. Ajudam a encobrir erros, diluir responsabilidades, proteger quem se omitiu.

Escolhas políticas estão na origem da emergência climática. Autoridades que negam a crise ajudam a agravá-la. Governantes que não investem em prevenção contribuem para ampliar os desastres.

O prefeito de Porto Alegre não aplicou um centavo no sistema contra enchentes em 2023. Sem manutenção, diques e comportas entraram em colapso. A água invadiu o centro histórico, tomou as ruas, deixou bairros submersos.

No domingo, Sebastião Melo orientou os donos de casas de praia a se refugiarem no litoral. A sugestão não contemplou as famílias mais pobres, condenadas a buscar abrigos e entrar nas filas de doações.

O governador gaúcho patrocinou o desmonte da legislação ambiental do estado. Aprovadas em 2019, as mudanças afrouxaram as regras de licenciamento, liberaram o corte de árvores nativas, reduziram a proteção de rios e nascentes.

Há menos de um mês, Eduardo Leite sancionou outra lei que permitiu a construção de barragens para o agronegócio em áreas de proteção permanente. Agora ele dá entrevistas de coletar da Defesa Civil e pede um "Plano Marshall" para recuperar o que foi destruído.

O descaso com os riscos climáticos se estende à bancada federal do Rio Grande do Sul. Dos 34 congressistas gaúchos, só uma deputada destinou emendas para a prevenção de desastres este ano. O Cômputo de votos no estado pertence à bancada ruralista.

O momento é de registrar e acolher as vítimas, mas medidas emergenciais não evitarão novos eventos extremos. As saídas, como sempre, dependem da política. E os discursos de não buscar culpados só ajuda a protegê-los.

Hoje os senadores devem votar um projeto que reduz de 80% para 50% a reserva legal na Amazônia. Se a boiada passar, os proprietários de terras poderão derrubar mais áreas de floresta. É uma receita certa para encomendar novas tragédias.

## ROBERTO DAMATTA



## Cobertos pelo manto de Madonna

Toda celebridade tem uma aura. Um nevoeiro a envolve, revelando sua distância dos comuns. Um manto a distingue e abriga seus seguidores — seus fãs. Os seus seguidores de Madonna numa Copacabana que com ela rima admitir invocar um manto porque, tal como uma deusa — que as virgens inoculadas não perdiam —, Madonna é uma versão pós-moderna, globalizada, digitalizada e extravagante de uma Maculada Nossa Senhora. Uma entidade, retem, que — livre como manda a lógica dos estóicos, santos, anjos e deuses — é absolutamente essencial para suportar este nosso vale de lágrimas.

A balbúrdia estudada do show não espanta. Fico, entretanto, abismado pela presença persistente e englobadora da mulher, do feminino e da feminização no sistema de crenças e na simbologia que satura nossas vidas. O feminino com audácia de partear um show ritual voltado a uma história de vida dedicada à luta contra preconceitos, valores consagrados e papéis sociais proibidos. Tudo realizado em inglês e no estilo teatral forjado nos Estados Unidos, onde saltam aos olhos transgressões eróticas que nós, brasileiros do século passado, só praticávamos abertamente no carnaval. A persistência dos valores americanos se revela na fábula da conquista da fama, do sucesso e da distinção pelo esforço individual e pela fidelidade aos sonhos mencionados na predica-gradecimento que Madonna nos ofertou como motivadores do seu êxito — de sua saída de uma acachapante anonimato.

Na dimensão messiânica, o show é puritânico púlpito, altar e tribuna. Suas mensagens são transmitidas em movimentos e fantasias bizarras que invocam o poder libertário do tabu e do proibido.

Estou indo longe demais? Penso que não exagero ao entender os rituais de devoção às celebridades — esses indivíduos que podem tudo — ao sagrado dos deuses, anjos e santos. Vale invocar uma conceitualização do êxito e da celebração, tal como sugeriu um comentarista das 600 e tantas páginas dos "Diários" do ator-celebridade Richard Burton, publicados em 2012.

Ali se sugere que toda celebridade, todas essas figuras excepcionais têm o direito de ostentar o selo de "sagradas" porque, como disse um velho sociólogo francês, ignorado pela intrínseca sociologia nacional, elas são figuras removidas do cotidiano ou da vidinha ordinária. Mas, no palco-altar, produzem espanto e felicidade com o seu manto tecido pelas artes que praticam. São mediadoras entre o desencantado mundo real e outro universo pleno de gestos censurados e desejados. Um espaço carnavalesco e carnalizante em que vivem nossas Madonnas.

Você sabe quem tem sucesso — diz o citado comentarista inspirado na vida de Richard Burton e Elizabeth Taylor — quando alguém o reconhece em algum lugar; sabe que tem muito sucesso quando todos o reconhecem em todos os lugares. É sabe que é uma celebridade quando as pessoas duvidam que você esteja em algum lugar.

Você tem certeza da celebração — adiciono abrindo a conceitualização — quando todos sabem com quem estão falando! Desse modo, quando você confirma quem é, há o relapso do milagre, porque o interlocutor acredita que se reconhece como uma celebridade é equivalente a subir numa quimérica elevação — um além do arco-íris. Aquele cobijado espaço dos que tudo podem. Lugar sem leis, dores, doenças... "cheio de dinheiro!"

Quando ficamos diante de uma celebridade, resuscitamos as expectativas do milagre do bem-estar. Surge também uma liberdade radical que rompe com interdições e, desse modo, reforça nossa força em nós mesmos. Nasce uma fortuna generalizada que custa caro e revela o imenso poder do talento. Trata-se de uma bem-aventurança legítima que não se estabelece por filiação, voto ou privilégio, mas da dedicação e do amor a uma ocupação que a honestidade das artes performativas oferece nesses shows que nos fazem esquecer o sofrimento da vida e do mundo.

Madonna, protegi-nos com vosso manto que transforma o tédio em magia e a rotina em filme americano.

Madonna, protegi-nos com vosso manto que transforma o tédio em magia e a rotina em filme americano.